

IV: LIONEL KOCHAN

A FORMAÇÃO DA RUSSIA MODERNA Ed. ULISSEIA

Lisboa

CAPÍTULO VII

A ÉPOCA DE PEDRO O GRANDE

«O governo russo é uma monarquia absoluta temperada por assassínios», escreveu um observador francês do século XIX, o marquês de Custine. No século XVII dir-se-ia: «...temperada por tumultos na família real». Alexis casou duas vezes. Primeiro desposou Maria Miloslavski e depois Natália Naryshkin. Durante alguns anos após a sua morte, em 1676, sucedeu algo semelhante ao que se passara no Kremlin durante a menoridade de Ivan o Terrível: família contra família, clã contra clã.

Teodoro, um dos treze filhos de Alexis e Maria, sucedeu a seu pai no trono. Neste regime, os Naryshkins, os partidários destes e o filho mais velho de Natália, Pedro, de quatro anos de idade, foram expulsos e relegados a plano secundário. Mas em 1682, Teodoro morreu sem deixar descendência. Pedro, nesta altura com dez anos, foi imediatamente lançado no turbilhão da luta sangrenta pelo Poder. Proclamado czar, todas as reclamações do seu meio-irmão Ivan — um epilético quase cego — foram ignoradas. Quinze dias depois, os *streltsy* invadiam o Kremlin sequiosos de sangue dos Naryshkins. Entre orgias e clamores selvagens muitos familiares de Pedro foram mortos. Enquanto tudo isto se desenrolava, conforme se disse, enquanto os *streltsy* cortavam as cabeças das suas vítimas, nos pátios do palácio, Pedro observava calmamente.

Finalmente foi proclamado czar juntamente com Ivan e sob a regência de Sofia, irmã de Ivan. Mas Pedro só veio a governar, em seu nome, em 1696. Nesta altura Sofia já fora afastada e a mãe de Pedro e Ivan tinha morrido.

Os acontecimentos da juventude de Pedro devem tê-lo

decidido a pôr ponto final a Moscovo e a todo o peso morto do seu passado bizantino, à sua ignorância e ineficácia, às suas disputas sangrentas, à sua complacência e às singularidades e hostilidades que grassavam no seu seio, para que tudo mudasse. A bem dizer, Pedro foi certamente o mais venturoso e vigoroso de todos os czares nos seus esforços para tornar a Rússia (como Moscovia se passou a chamar no seu reinado) capaz de competir com o Ocidente. Isto fez dele não só o mais impopular de todos os czares, durante a sua vida, mas também o mais odiado depois da sua morte. Seria o Anticristo em pessoa? As suas reformas desviaram realmente a Rússia do seu caminho forçando o país a um molde estrangeiro? Foi um homem calamitoso para o seu país ou o seu salvador? Teria feito uma brecha na cultura russa instituindo para sempre uma classe superior ocidentalizada contra a massa de camponeses não-regenerada? Veja-se entretanto o ambiguo veredicto do poema de Pushkin *O Cavaleiro da Bronze*: devemos admirar acima de tudo a ambição desmesurada e a energia criadora do czar, ou lamentar as inumeráveis vítimas da sua política? De uma maneira ou doutra o fenómeno de Pedro marcou a imaginação russa.

Hoje em dia Pedro impressiona-nos muito mais por ter sido um dos primeiros exemplos de que Toynbee chamou *ahomo occidentalis mechanicus neobarbarus*¹. Em termos semelhantes, os esforços de Pedro foram descritos da seguinte maneira por Estaline, um homem que representou na história um papel bastante similar ao de Pedro:

Quando Pedro o Grande se viu em confronto com os mais avançados países ocidentais, e febrilmente começou a construir fábricas e oficinas para fornecer o seu exército e aumentar o poder defensivo do país, mais não fez que uma tentativa suprema para sair do atraso em que vivia.

Pedro nasceu no Kremlin em 1672. Com a idade de cinco anos começou a receber a educação normal dum czarevich. Esta

¹ Ver W. Weldt, *Russia: Absent and Present*, tradução inglesa, Londres, 1952, p. 38.

educação compreendia alguns rudimentos de leitura e escrita, aritmética elementar e ensino sobre as Escrituras. A sua educação terminou em 1682 quando do eclipse dos Naryshkins. Pedro e sua mãe foram obrigados a deixar o Kremlin e a estabelecer residência na aldeia de Preobrazhenskoe, um dos locais preferidos por Alexis. Aqui, Pedro ficou praticamente entregue a si próprio. Os jogos e as tendências que ali desenvolveu mostraram desde logo o homem em que viria a transformar-se.

A primeira das suas predilecções ia para os brinquedos de carácter militar e para os jogos guerreiros: arcos e setas, canhões, soldados de chumbo. As brincadeiras tornaram-se mais sérias quando Pedro, ainda no início da adolescência, começou a ensinar os seus companheiros de folguedos a organizar regimentos e manobras em redor de um forte que havia no rio Iauza, perto de Moscovo. Disponha de uma armada em miniatura, canhões e armas de fogo fornecidas pelo arsenal real, casernas, estábulos, uniformes e dinheiro. Em breve Pedro tinha à sua disposição dois regimentos regulares, o Preobrazhenski e o Semenovski. Os oficiais eram todos estrangeiros e foram recrutados na Sloboda alemã, que estava convenientemente separada da aldeia.

Outra grande tendência de Pedro, na sua infância, foi a náutica. Teve a grande sorte de brincar num velho e desfeito veleiro inglês conservado na aldeia de Izmailova. Era, talvez, um presente já com um século oferecido por Isabel a Ivã o Terrível. Pedro, mais tarde, referia-se a este barco como sendo o pai da frota russa. No coração da Rússia, sem mar, este veleiro estimulou-o a fazer experiências náuticas em tanques e lagos. Depois, ajudado por marinheiros holandeses, passou da navegação à construção, podendo assim levar à prática a sua paixão pela marinha e arte náutica. Só alguns anos mais tarde Pedro viu o mar, em Arcangel, de onde navegou até ao mar Branco.

Nestes primeiros anos da sua vida, num mundo que não era o opressivo e intrigante de Moscovo, Pedro preencheu a sua experiência de variados conhecimentos práticos. Aprendeu a ser pedreiro, a trabalhar o metal, a servir-se de uma máquina de impressão e a empunhar um machado, tornando-se inclusivamente um hábil carpinteiro e marceneiro. Um holandês chamado

Timmermann, foi o primeiro a iniciá-lo em várias matérias, como a matemática, a geometria, a balística, a arte das fortificações e o uso do astrolábio. Pedro estava mais em contacto com os membros do Sloboda do que com russos. O seu companheiro favorito, por exemplo, era o veterano soldado mercenário escocês, general Patrick Gordon, nascido perto de Aberdeen, em 1635, que fora mercenário às ordens do imperador, dos Suecos e dos Polacos. Havia ainda Francisco Lefort, um cosmopolita aventureiro genovês que acompanhava Pedro nas suas orgias. O Sloboda forneceu também a primeira amante a Pedro, Ana Mons, filha de um negociante de vinhos alemão. Os companheiros russos de Pedro eram filhos de aristocratas ou obscuros filhos do povo, os quais ele escolhia pelas suas qualidades de convívio.

Mas o Sloboda e os seus habitantes nunca poderiam ser mais que substitutos de coisas reais, não podendo inclusivamente substituir o contacto directo com o Ocidente. Daqui o desígnio de Pedro em ver e estudar por si próprio. Em 1697 publicou a sua versão do Grand Tour com o pseudónimo de «Pedro Mikhailov», pseudónimo que mal escondia o Czar. De facto, como é que um homem com cerca de dois metros e dez se podia esconder? Essa obra circulou numa roda de 250 pessoas. O seu propósito era adquirir conhecimentos sobre os últimos processos de construção naval e recrutar especialistas navais e militares. Quanto ao seu outro propósito político, o de organizar uma grande aliança contra os Turcos, só falhou pela relutância que mostraram as potências ocidentais.

Os portos bálticos de Riga e Libau deram a Pedro a sua primeira visão do Báltico — e daqui partiu para Mittau, Königsberg¹, Berlim, Holanda e Inglaterra. A sua viagem demorou cerca de um ano e três meses.

Até então nenhum czar estivera fora de Moscóvia. E muito menos fizera o que Pedro fez. Em Saardam e Amsterdão, ele e os seus companheiros trabalharam todos os dias como aprendizes de construção naval nos estaleiros da Companhia da Índia

¹ Actual Kaliningrad. (N. do T.)

Oriental Holandesa. Nos intervalos visitavam hospitais, fábricas, oficinas de todas as espécies, escolas e centros militares e navais. Depois de ter estado quatro meses na Holanda, Pedro foi a Inglaterra. Navegou no iate real que lhe fora oferecido por Guilherme III. Era este o verdadeiro fim da viagem. Com o seu quartel-general acantonado na casa de John Evelyn, em Deptford, convenientemente próximo dos estaleiros do rei, Pedro conseguiu estudar as mais avançadas técnicas de construção naval. Mas visitou ainda Oxford, Londres, a Torre, a Casa da Moeda e, claro, o Arsenal de Woolwich. Depois foi a Chatham e Portsmouth para ver a esquadra e as batalhas navais simuladas que ali se faziam. Pedro tomou nota num diário de tudo o que viu. A sua estadia em casa de Evelyn custou, segundo os cálculos de Sir Christopher Wren, 350 libras. O relatório Wren menciona um relvado pisado, mobiliário destruído, quadros usados com alvos e paredes todas arranhadas e cheias de nódoas.

Depois duma estadia de quatro meses em Inglaterra, Pedro partiu para a sua viagem de retorno, pela rota da Holanda até Viena. Ainda não estava há muito tempo na capital imperial quando recebeu uma carta do príncipe Romodanovski, governador de Pedro em Moscovo e ministro da Câmara de Punições e Tortura, a pedir-lhe que regressasse urgentemente pois os *streltsy* tinham-se revoltado.

A policia secreta já descobrira uma conspiração contra Pedro, organizada pelos *streltsy*. Isto sucedera pouco antes da sua partida para o Ocidente. Os cabecilhas foram então torturados e executados. A segunda conspiração tinha porém ramificações mais amplas. Ganhara força porque os *streltsy* estavam a ver o seu poder a baixar. As ofensas contínuas que sofriam pelo atraso dos salários juntava-se a humilhação de terem sido exilados para Azov e para a fronteira do Sudoeste. Com a esperança de reportem Sofia no poder e baseados em boatos de que Pedro teria morrido no estrangeiro, alguns regimentos marcharam sobre Moscovo nos princípios do Verão de 1698. As tropas de Gordon desbarataram-nos. Mas só quando Pedro apareceu inesperadamente é que os castigos foram promulgados.

As punições atingiram moldes nunca vistos na Moscóvia até

esse altura. Dia após dia, em Setembro e Outubro daquele ano e de novo em Janeiro de 1699, os insurrectos eram chicoteados, esmagados pa' roda e queimados a fogo lento. Diz-se que o próprio Pedro empunhou o machado do carrasco conseguindo com um só golpe decepar a cabeça de um homem. Os seus favoritos, Menshikov e Romodanovski, fizeram certamente o mesmo. Cerca de 1200 homens morreram deste modo. Os seus cadáveres, a maior parte deles mutilados, ficaram expostos ao público, como exemplo, durante meses.

Não é talvez por acaso que este primeiro acto de ferocidade, de resto dentro das tradições da velha Moscóvia, tivesse sido acompanhado dum outro, embora de menos importância, contra os moscovitas que usavam barbas. Ajudado pelo bobo da corte, Turgenov, Pedro em pessoa, no dia seguinte ao da sua chegada do Ocidente, cortou as barbas aos seus chefes boiardos e obrigou-os a envergar trajes húngaros ou alemães em vez dos gabões de mangas compridas usados até ali. Todos os russos, com excepção do clero e dos camponeses, tinham de cumprir as novas leis sob pena de multa. Este esforço para occidentalizar a aparência exterior dos súbditos de Pedro teve pouco êxito fora da corte e dos meios militares. A verdade é que muitos russos preferiram pagar a multa do que perder as suas barbas.

Nos primeiros anos após o seu regresso do Ocidente, Pedro também tentou reformar o Governo e as finanças, trocando o sistema *vocovoda* pelo de chefes eleitos e reorganizando o pagamento de alguns impostos directos e indirectos. A maior parte das suas ideias foi inspirada pelo que vira na Holanda.

Também, nesses primeiros anos, se devotou à expansão da esquadra e à criação de um novo exército. Foi estabelecido um almirantado e procedeu-se febrilmente à construção naval em Voronezh, onde muitos estrangeiros recrutados no Ocidente estavam empregados. Um vaso de guerra de sessenta canhões foi projectado pessoalmente pelo próprio Pedro e inteiramente construído por construtores navais russos. Formaram-se grupos de construção financiados coercivamente pela Igreja, pelos comerciantes e pelos grandes proprietários rurais. Estes forneciam o dinheiro, como é evidente, de má vontade.

O exército foi recrutado por levás feitas a proprietários rurais e a mosteiros. Eram recrutados de preferência servos domésticos, escravos e criados semiagregados, para que a produção agrícola não fosse grandemente afectada. Ao principio a officialidade era estrangeira e fizeram-se também recrutamentos entre a classe média.

A GRANDE GUERRA DO NORTE

A política externa de Pedro pouco differia da dos czars dos séculos XVI e XVII. Como habitualmente, deu-se uma guerra para se obter saída para o mar. Nos fins do século XVII a luta pelo mar de Azov, o mar Negro e as praias do Cáspio foi acrescentada à tradicional e continua luta pelo Báltico.

A Rússia não estava em posição de se movimentar, simultaneamente, para Norte e para Sul. Em Julho de 1700, um certo número de campanhas secundárias contra a Turquia acabou. A Rússia assegurou assim a posse de Azov e de Taganrog, o direito de peregrinação à Palestina, a ab-rogação do dever de dar mais «presentes» (tributos) à Crimeia, e o direito de manter um ministro residente em Constantinopla.

Pedro atacou primeiramente ao Norte onde a Suécia era agora a inimiga, e não a Polónia. Desde a Guerra dos Trinta Anos que a Suécia era a potência com mais poder no Norte da Europa. O seu dominio da Finlândia, Carélia, Ingria, Estónia, Livónia, Pomerânia e Schläswig-Holstein, faziam da Suécia a potência báltica *per excellence*. Os aliados de Pedro nesta disputa eram a Dinamarca e a Polónia. Os Polacos atacaram primeiro, seguidos depois pelos Dinamarqueses. No mesmo dia que soube do Tratado de Paz, em Constantinopla, cerca de cinco semanas após o acontecimento, Pedro aderiu. Mas neste próprio dia os Dinamarqueses foram banidos da guerra. Foi um inicio bastante infeliz. No entanto, o pior estava para vir.

As forças de Pedro, 40 000 homens, sob o comando de Eugénio, duque de Croy, príncipe do Sagrado Império Romano,

* Hoje, Istambul (N. do T.)

estavam dispostas ao longo do porto suco e praça forte de Narva. De repente apareceram as tropas suecas comandadas por Carlos XII, de dezoito anos de idade, que desbarataram os russos durante uma tempestade de neve. As tropas russas fugiram em grande confusão e a maior parte rendeu-se. Pedro ficou desesperado. Paz por qualquer preço foi o seu primeiro e angustiado grito. Contudo, esta derrota deu-lhe novas forças e fê-lo refazer-se rapidamente do desânimo em que caíra, levando-o a reformar e a reconstruir imediatamente o Exército. Logo após leva, os camponeses e os habitantes das cidades foram sendo recrutados, na proporção de um homem por vinte famílias. Este sistema significava um recrutamento de 30 000 homens por ano. Treino, exercícios e táticas, eram feitos de modo revolucionário. Pedro aumentou também a produção de pedreiras e de baionetas, de todas as armas de ataque e artilharia de campanha. Nos Urais ergueram-se novas fundições e fábricas de pólvora, ficando como os principais centros de manufatura de armas. Ao mesmo tempo esforçava-se por atrair um número cada vez maior de peritos militares estrangeiros; e em 1702 emitiu um decreto convidando todos os estrangeiros a virem para a Rússia, prometendo liberdade religiosa e tribunais ao uso dos respectivos países. Prometia ainda passagens gratuitas e emprego certo¹. Internamente, foram impostas mais medidas aos proprietários rurais. Para financiar todos estes empreendimentos Pedro lançou mão dos rendimentos da Igreja, revertendo a favor das necessidades da guerra cerca de 8 por cento da receita do Estado.

Mas, apesar de toda esta urgência e impaciência, Pedro necessitava de tempo. Nesta altura Carlos veio em seu auxílio. Este, em vez de tirar partido da sua vitória de Narva marchando imediatamente sobre Moscovo, inflectiu para Sul e envolveu as suas forças em inumeráveis campanhas de menos importância contra os Polacos. Pedro, pessoalmente, fez o possível para

¹ Os judeus constituíram uma notável excepção. Os sentimentos anti-semitas de Pedro eram ainda reforçados pelo anti-semitismo de Menahikov. Depois da morte de Pedro, Menahikov proibiu a entrada na Rússia a todos os judeus e chegou a provocar a queda do barão Shafirov, o enviado de Pedro em Constantinopla, por este ser um judeu convertido.

demorar Carlos na Polónia, enviando a Augusto II, o rei polaco, reforços e dinheiro. Mas no final do ano de 1706 a frente polaca desmoronou-se. Augusto teve de abdicar do trono e reconhecer o novo homem nomeado por Carlos. Estanislau Leszczyński, como rei da Polónia.

Entretanto Pedro havia conseguido também fortalecer a sua posição até certo ponto, sobretudo ao Norte. Reconquistara Ingria, o porto de Dorpat e atacara Narva (1704). Em 1703 funda São Petersburgo (hoje Leninegrado) perto da foz do rio Neva e constrói o forte de Kronstadt para se proteger do mar.

Mas tudo isto não prejudicava grandemente Carlos, que agora estava livre do pesadelo da campanha contra os polacos. Pedro já fizera várias tentativas para obter a mediação da paz, com a única condição de conservar São Petersburgo. A sua derrota tinha-a deixado bastante exposta ao assalto iminente de Carlos. Além disso, foi por esta altura que os repetidos recrutamentos, programas de trabalho forçado e impostos opressivos, deram lugar a revoltas no interior da Rússia. Em 1705 houve uma revolta em Astrakhan. Dois anos mais tarde os cossacos do Don rebelaram-se comandados pelo seu *hetman* Bulavine. O movimento espalhou-se rapidamente às massas camponesas refugiadas da servidão, em toda a região do Don. Daqui passou à área do Voronezh e atingiu os trabalhadores recrutados para a construção do canal Volga-Don. Por fim a revolta de Bulavin disseminou-se na vasta zona situada entre o Volga e o Baixo Don. A revolta conseguiu também as simpatias de alguns dos povos oprimidos que não eram naturais da Rússia, como os Bashkirs, os Tártaros e os Tcheremis.

A supressão destas revoltas obrigava a transferência urgente das tropas necessárias a Ocidente; mas mesmo assim a tarefa foi levada a cabo de maneira feroz. Observadores estrangeiros disseram, e sem qualquer exagero, que se a campanha de Pedro contra os Suecos tivesse falhado, ele seria obrigado a enfrentar uma verdadeira revolução.

Em 1706, Carlos começou a marchar da Polónia para Leste. Os russos retiravam sistematicamente, evitando combater em

campo aberto tanto quanto possível, realizando assim uma tática de retirada. Em Julho o inimigo passou o Dniepre e tomou Mogilev. Carlos tentaria avançar para o Norte tomando Novgorod e Pskov e faria a sua meta final em São Petersburgo? Ou tomaria antes a direcção leste, para Smolensko, a clássica chave de Moscovo que ficava apenas a distância de sessenta milhas?

Em primeiro lugar Carlos não quis atravessar a Livónia, área que já tinha sido muito devastada. Resolveu por isso avançar para o centro da Rússia, na direcção de Moscovo. A capital preparou-se apressadamente para o cerco. Mas como a área central tinha também sido completamente evacuada, Carlos mudou de plano. Decidiu fazer um desvio pela Ucrânia. Aqui não haveria falta de viveres para as suas tropas; além disso, era secretamente aliado de Mazeppa, o *hetman* da Ucrânia, o qual, para mal de Pedro, escolhera precisamente aquela altura para se juntar às milícias de Carlos.

Mas este seu desvio para o Sul foi-lhe fatal. Não só Mazeppa não conseguiu arrastar a população atrás de si, como também Carlos se adiantou demasiado ao seu comboio de viveres e bagagens, que se deslocava muito devagar para Sul, desde Riga, sob o comando do general Löwenhaupt.

Deste modo, as duas forças ficaram isoladas. Na pequena cidade de Lernaia, a sudeste de Mogilev, os russos atacaram o exército de Löwenhaupt inflingindo-lhe pesada derrota. A grande quantidade de fornecimentos de armas e munições esperada com ansiedade por Carlos teve de ser destruída. Isto passou-se em Outubro de 1708. Seguiu-se um Inverno invulgarmente severo. As forças suecas, não muito mais que 20.000 homens naquela altura, sofriam com o clima e a diminuição das rações e das armas. A batalha deu-se em 27 de Junho de 1709 (8 de Julho, no novo calendário). Carlos sitiou a pequena cidade-fortaleza de Poltava e sofreu uma esmagadora derrota. Os sobreviventes suecos retiraram para o Dniepre. Mas os seus barcos foram queimados e eles acabaram por ser alcançados pela cavalaria russa. Carlos e Mazeppa fugiram para território turco.

Pedro definiu numa frase o significado desta vitória: «Foi agora colocada a pedra final das fundações de São Petersburgo.»

Mas a «mais gloriosa vitória» de Poltava não significava de modo algum o fim da guerra. A Grande Guerra do Norte, como foi denominada, arrastou-se, com intermitências, por mais doze anos. No entanto a Rússia já estava livre da ameaça de invasão. E esta foi talvez a consequência imediata mais importante. De igual modo deu a Pedro a oportunidade para explorar o colapso sueco, concedendo-lhe tempo para consolidar a sua posição a Ocidente e a Norte. Houve também uma mudança radical na posição diplomática russa.

Pedro pôde assim invadir a Livónia e a Estónia, controlar toda a costa do Báltico desde o Dvina Ocidental a Viborg; colocar de novo Sigismundo no trono da Polónia; realizar o sonho de Ivan III e de Ivan o Terrível e introduzir os seus homens de guerra no Báltico, o que até aí nunca acontecera; pôde casar as suas sobrinhas com os governadores de Mecklenburg e Curlândia e ter voz activa, com algum êxito, na política alemã do Norte; aspirar a um casamento entre a sua filha Isabel e o jovem Luís XV de França; pôde, enfim, conquistar a Finlândia e invadir a costa sueca.

O princípio do fim da Grande Guerra do Norte chegou em 1718; iniciaram-se negociações entre a Rússia e a Suécia numa das ilhas Aaland. Tais negociações, porém, arrastaram-se durante dezoito meses, sem se chegar a qualquer conclusão definitiva. Um ano e meio depois a paz foi firmada em Nistad. A Rússia recebeu as terras da Livónia, Estónia, Ingria, parte de Carélia com a cidade e o distrito de Viborg, e as ilhas de Ösel e Dagö. Em troca, a Rússia obrigava-se a restituir todo o território da Finlândia à Suécia, a pagar uma indemnização de dois milhões de táleres holandeses e a abster-se de interferir nos negócios internos da Suécia. Estes termos de paz eram nem mais nem menos do que a confirmação da Rússia como uma das potências da Europa. As consequências deste facto fizeram-se logo sentir na diplomacia e política da Europa do Norte e do Ocidente, embora não tivesse satisfeito a política expansionista de Pedro, especialmente para o Sul. Mas esta começou com uma

derrota. Na sua segunda guerra contra os Turcos, os Russos foram derrotados e tiveram de ceder Azov aos Turcos, perdendo todas as vantagens que haviam obtido com a campanha de 1700. Pedro esperava captar as simpatias ortodoxas dos Eslavos dos Balcãs — sendo o primeiro czar a tomar esta resolução revolucionária — e colocar-se em posição de protector contra o infiel Muçulim. Contudo, a indiferença foi a resposta que teve, o que contribuiu para a derrota da Rússia.

Pedro foi mais bem sucedido no Extremo Oriente e na Asia Central. Conseguiu desenvolver o comércio da seda e de peles com a China, embora sem alterar as relações políticas estabelecidas pelo tratado de 1689. No extremo norte fez avançar as fronteiras russas até Kamchatka e anexou as ilhas Kuril, no Pacifico. Na Asia Central os seus esforços para subjugar os dois canatos Muslim de Khiva e Bokhara, falharam.

Os êxitos mais notáveis de Pedro registaram-se na Pérsia e ao longo da costa do mar Cáspio. Mandou o seu primeiro enviado, Volynski, a Ispahan, em 1715, com o fim de expandir o comércio com a Pérsia, explorar a possibilidade de construir uma estrada até à Índia e duma outra destinada ao comércio da seda arménia através da Turquia. Volynski concluiu, de facto, um tratado comercial em que a Pérsia abria os seus mercados aos negociantes russos. Mais importante ainda foi a sua informação de que o país estava em péssimas condições, pelo que bastaria um pequeno destacamento para o subjugar. Mas a grande preocupação russa com a Grande Guerra do Norte impediu a agressão. No entanto, em 1722, com o pretexto de auxiliar o xá a restaurar a ordem no seu território, Pedro navegou Volga abaixo até Astrakhan. Pouco tempo depois Derbent caiu em poder dos Russos, seguindo-se o porto de Resht e, em 1723, Baku. Concluída a paz, a Rússia conservou estes portos e ainda algumas províncias persas a sul e sudoeste do Cáspio. Como sempre, Pedro tinha grandes idéias para o desenvolvimento destas áreas. Construiria fortificações, deportaria os Muslims para os substituir por colonos cristãos, levaria a cabo uma prospecção de minérios... mas nada fez. Pouco

tempo depois da sua morte, as províncias recentemente conquistadas foram abandonadas provisoriamente, devido, sobretudo, ao clima insalubre.

AS REFORMAS

A Rússia esteve em guerra na maior parte do tempo que durou o reinado de Pedro, facto que determinou amplamente a natureza, o alcance e o êxito das actividades do czar, como reformador. Isto significa, de certo modo, um tributo à obstinação do povo russo, o qual-teria de recomeçar, fosse quando fosse, a tarefa de emparceirar a Nação com o Estado. Sob o impacto da guerra e duma perseverante luta pela existência, a visão de um povo inteiro ao serviço do Estado, foi a ideia inspiradora dos dirigentes dos séculos XV, XVI e XVII.

Mas para ninguém esta visão foi tão real como para Pedro. Ele nunca fugiu a qualquer medida que fosse útil aos seus interesses, sem se importar com a oposição que porventura encontrasse. «O czar vence as dificuldades com a força de dez mas espezinha milhões», escreveu Pososhkov, um primitivo apologista do regime Petrino. Mas para arrastar consigo esses milhões Pedro teve de montar um amplo sistema de espionagem e informação, o qual conjugou com as tradicionais punições de Moscóvia. Fazia os seus súbditos, especialmente os camponeses, pagar elevado preço pela subida do seu país a uma grande potência.

O dinheiro sempre foi uma grande preocupação de Pedro. Como poderia ele cobrir uma despesa militar que aumentava cada vez mais — 2,3 milhões de rublos em 1701, 3,2 milhões de rublos em 1710, acima de 4 milhões em 1724? Claro que havia um certo número de expedientes a que Pedro podia lançar mão, e ele usou-os. Confiscou o rendimento das propriedades da Igreja; viciou a moeda corrente; introduziu um grande número de impostos indirectos que eram, as mais das vezes, sugeridos por um corpo especial de «criadores de lucros». Havia impostos sobre o uso da barba, sobre o afiamento das facas, sobre os artigos de vestuário, sobre a venda do sal, sobre

os casamentos entre indivíduos pertencentes a tribos não russas. Mas por alturas de 1710 estas medidas provaram ser ineficazes. Tal facto originou uma transformação na incidência de impostos directos, até aqui baseados num imposto sobre os rendimentos de família, como determinava o censo de 1678. Em 1710 foi ordenado novo recenseamento na confiante esperança de que o resultado seria muito mais vantajoso. Mas, na verdade, revelou um decréscimo de cerca de vinte por cento em relação a todo o país, mesmo tomando-se em conta a irregularidade da enumeração e a grande flutuação da unidade do imposto. De qualquer maneira, o velho sistema foi conservado. Em 1719, contudo, a seguir a outro recenseamento, verificou-se um aumento no número de camponeses masculinos, tendo-se processado a transição através da capitação sobre o indivíduo masculino. Quem fugisse ao recenseamento incorreria na pena de morte. O novo imposto foi bem sucedido, tanto no aumento dos rendimentos públicos — trouxe para os cofres do Estado mais cinquenta por cento da receita calculada em 1724 — como no aumento da área cultivável. Os camponeses tinham de cultivar mais terra para poderem pagar o imposto. Este novo sistema durou até 1886.

A política industrial e económica de Pedro decorria em linhas mais tradicionais. Foi encorajada a industrialização do país nas normas já estabelecidas pelos Romanov no século XVII. Mas Pedro, pelo seu lado, deu maior desenvolvimento que nunca ao fabrico de munições e armas, dos têxteis para as roupas dos seus soldados e marinheiros, de modo a tornar-se independente dos fornecimentos ocidentais. A produção do papel — indispensável num regime burocrático — teve também grande incremento, e tanto que, em 1723, Pedro pôde decretar que se passasse a usar papel de fabrico russo nos departamentos do Estado. No fim do seu reinado, a Rússia possuía cerca de 200 fábricas, algumas das quais empregavam mais de 1000 operários. Dentre as maiores fábricas estavam as que produziam li, linho, seda, couro, algodão e materiais de ornamentação.

As minas e a metalurgia também progrediram. Os depósitos de ferro dos Urais foram beneficiados com os mais notáveis

avanços da técnica da extracção e tratamento. Entre 1695 e 1725, cinquenta e duas novas fundições entraram em funcionamento, das quais um quarto se situava nos Urais. No seu conjunto, a produção russa de cerca de quarenta por cento dividia-se igualmente entre as fundições do Estado e as fundições particulares. Em pouco mais de um quarto de século, a Rússia tornou-se o principal produtor de ferro do mundo. Fornecia a maior parte das importações de ferro da Inglaterra.

O desenvolvimento geral das manufacturas e da exploração de minas da Rússia dependia do auxílio do Estado, do trabalho forçado e de tarifas protectoras. Houve, sem dúvida, preponderância de negociantes e de capital mercantil entre as companhias formadas a instâncias de Pedro, a fim de desenvolver as fontes de produção do país; os subsídios do Estado eram essenciais devido ao pequeno montante de capital existente. O Estado, de igual modo, ajudava a vencer a falta de mão-de-obra. Recrutava toda a espécie de vagabundos, indivíduos desempregados e à margem da sociedade, como prostitutas e órfãos, para o serviço das fábricas. Nas áreas menos povoadas o problema era resolvido forçando os camponeses das terras do Estado a trabalharem nas fábricas. Camponeses fugitivos que trabalhassem numa fábrica não podiam ser reclamados pelos seus ams. Tal foi o impulso que Pedro deu à industrialização. Finalmente, o Estado não só auxiliou subsidiando e criando novos empreendimentos, como forneceu também os benefícios duma tarifa alta, o direito de importação de maquinaria e matérias-primas livremente, e isenção de impostos.

A política financeira e industrial teve apenas um efeito indirecto no estado legal das classes. A política social de Pedro, por outro lado, provocou, no entanto, profundas mudanças nas suas obrigações e afinidades. Como sempre o objectivo que presidia a todos os outros era a organização da população de modo que esta cumprisse melhor os seus deveres para com o Estado. Este principio de universal e compulsivo serviço nacional não tinha nada de novo. Mas Pedro sistematizou-o, aperfeiçoou-o e intensificou a sua aplicação.

A posição dos proprietários de terras denominados *dvoryanin* — o corpo da nobreza — sofreu uma mudança radical. Eles foram obrigados a aprender alguns conhecimentos práticos, tanto no estrangeiro como em escolas de «matemáticas», que Pedro fundou em São Petersburgo. A falta do curso completo implicava a condenação ao celibato! Aos quinze anos, o jovem *dvoryanin* tinha de escolher entre servir o Estado no exército, na marinha ou na burocracia. Como a Rússia não possuía tradição naval, o *dvoryanin* não se sentia atraído pelo mar. Mas era a burocracia a carreira mais favorecida, mais segura, menos árdua e mais bem remunerada. Todavia, para que o equilíbrio fosse mantido, só um mancebo em três era colocado na burocracia. Aquelas que «escolhiam» o exército serviam num dos três regimentos da Guarda. Tinham de progredir mercê do seu esforço pessoal e começavam pela posição mais baixa. Eram depois promovidos e enviados para outros regimentos ou, se as suas relações e classe o justificassem, ficavam na Guarda. Foi esta classe especial que mais tarde, no século XVIII, deu à Guarda uma importância política capital na subida ao trono dos czars. Havia um oficial de armas que controlava a carreira dos *dvoryanin*. Ele estava encarregado de verificar a genealogia de cada família de modo a assegurar, sob pena de severos castigos, que ninguém fosse negligente, pudesse fugir ao trabalho, transgredisse ou não cumprisse o seu dever.

Pedro deu fundamento a esta ordem de coisas, atingindo de flanco as mais profundas raízes da antiga lei moscovita sobre a herança. Até essa altura os bens eram divididos entre os filhos do falecido, mas este processo levava à criação de pequenas propriedades que ao cabo se tornavam inúteis, com a consequente perda de capacidade de pagamento de impostos e também de iniciativa. Para superar estas desvantagens, Pedro, em 1714, emitiu uma lei sem precedentes na Rússia. Nessa emissão baseou-se em grande parte na lei inglesa sobre a progénie. Assim, uma fortuna só podia ser legada a um filho escolhido pelo proprietário. Os restantes filhos, e era este o objectivo de Pedro, seriam utilizados no serviço do Estado. Mas a nova lei, como já se disse, mais adequada a uma aristocracia

inglesa do que a uma burocracia russa, não sobreviveu a Pedro durante muito tempo e acabou por ser abolida em 1730.

Pedro teve mais sorte com a instituição do «Quadro das Hierarquias», de 1722; este sobreviveu até à revolução de 1817, dando origem a uma mudança radical na estrutura das classes dos nobres e das classes médias, sendo a versão russa do ideal de Napoleão de *aune carrière ouverte aux talents*. Se os *dvoryanin* tinham de servir, era portanto lógico que só os que serviam fossem, ou se tornassem, membros dos *dvoryanin*. Pedro classificou os postos do exército, da marinha e da burocracia em catorze graus paralelos. Aquelas que na burocracia alcançassem, a partir de cima, a oitava classe, tornavam-se nobres. No exército e na marinha a nobreza era conseguida na medida em que fosse alcançado o posto de oficial. Os cargos, tanto militares como civis, partiam do grau mais baixo; a promoção dependia do mérito e da antiguidade. No seu conjunto o esquema estava mais de acordo com as tradições da Rússia do que com muitas das outras reformas de Pedro. A nobreza nunca formou uma comunidade fechada ou foi uma casta. Assim grande número de recém-chegados podiam gozar do privilégio de possuir servos e também da isenção do tributo imposto ao chefe de família. Havia, é claro, oposição à reforma por parte das famílias nobres mais antigas; não tinham, porém, força para anular o fluxo dos novos nobres. Por outro lado, não há dúvida que as relações sociais continuavam a ter o mérito de assegurar promoções. Parece que a importância real da «democratização» de Pedro da nobreza residia em criar na sociedade uma estrutura eminentemente democrática.

A primeira atitude dos *dvoryanin* nos séculos XV e XVI foi marcada por um intenso controle sobre os camponeses. A sua nova ascensão nos princípios do século XVIII teve o mesmo resultado. No tempo de Pedro os servos constituíam cerca de noventa por cento de toda a população composta por cerca de doze milhões de almas. Este montante foi aumentado pela inclusão da classe dos servos, que se tornaram assim obrigados a prestar serviço militar e a pagar o tributo imposto aos chefes de família. Os camponeses do Estado, os dos mostrel-

ros, e os dependentes também estavam sujeitos a condições muito semelhantes às da servidão. Havia o tributo imposto ao chefe de família, eram obrigados a trabalhar nas minas novas, nas fábricas e oficinas; a construção de São Petersburgo, sobre as terras pantanosas da Finlândia, custou a vida de milhares de trabalhadores; a escavação dos canais e o recrutamento muitas outras.

Aqueles que ficavam em casa não ganhavam muito com isso. Ao contrário, até, o Estado obrigava-os a sujeitar-se cada vez mais ao proprietário de terras. Em 1721, Pedro lançou um decreto que proibia a venda de servos «em separado como se se tratasse de gado, hábito que não era suportado em qualquer outra parte do mundo». Contudo, não promulgou punições para a infração daquele decreto, sugerindo apenas que só as famílias completas podiam ser vendidas; o proprietário de terras continuava portanto a ser o único governante, em todos os aspectos, da vida dos servos. Além disso, a introdução dum sistema de passaportes internos obrigava os servos a assegurar a autorização escrita do seu possuidor antes de poder deixar a aldeia natal. Este sistema durou até à revolução, embora tivesse sofrido algumas modificações. Os mercadores e a população urbana, por outro lado, usufruíam alguns benefícios da reforma. A autonomia municipal que gozavam Riga e Revel foi onde Pedro se inspirou. Ele dividiu a população da cidade em três grupos principais — a «primeira corporação», formada pela alta burguesia dos mercadores mais abastados e profissionais de misteres; a «segunda corporação», constituída por pequenos mercadores, operários especializados, artesãos; e a «terceira corporação», formada pelos trabalhadores contratados e os pobres em geral. As duas sociedades em conjunto elegiam um corpo de magistrados responsável por todos os assuntos da cidade, para a qual, no entanto, só os membros da primeira sociedade poderiam servir. Pedro também tentou estabelecer verdadeiras corporações de artesãos do tipo caseiro nas cidades da Europa Ocidental, mas isto foi mal sucedido. Dum modo geral, pode dizer-se que Pedro conseguiu melhores resultados na remodelação dos organismos do governo centrais e provin-

ciais do que em todo o resto. Todavia, antes de ele encontrar uma resposta adequada aos problemas não deixou de cometer um grande número de erros. Ademais, devido ao predomínio do suborno, do peculato, da variedade de cargos exercidos por uma só pessoa, dos poderes duvidosos e a evidente dificuldade física de controlar áreas vastas servidas por más comunicações, Pedro teve sempre de lutar com o problema: quis custodiet custodiet? A princípio enveredou pelo caminho da descentralização. Criou oito governos provinciais (aos quais mais tarde adregou mais dois) com poderes muito latos. Mas este sistema deixou um vazio no centro; assim, em 1711, quando partiu para a segunda guerra contra a Turquia, Pedro estabeleceu um senado de nove membros para fiscalizar o trabalho dos governos provinciais, funcionar como Supremo Tribunal de Justiça e, sobretudo, assegurar que todos os impostos fossem devidamente cobrados. Um oficial da Guarda era nomeado para assistir a estas reuniões e orientar a conduta dos senadores — missão nada fácil pois as sanções não obedeciam a um critério constante. Em 1715, por exemplo, dois senadores foram açoitados, as línguas marcadas a fogo e os bens confiscados. Em 1722, um procurador-geral substituiu o oficial da Guarda, como homem de confiança de Pedro.

O Senado durou até 1717. Menos tolerante mas de importância fundamental para o século foi a criação de nove Colégios, que Pedro baseou em modelos suecos e dinamarqueses. Estes substituíram o antigo sistema Prikazi. Cada colégio tinha uma jurisdição funcional — exército, negócios estrangeiros, impostos, exploração de minas e manufacturas — e era dirigido por um presidente russo, inicialmente assistido por um vice-presidente de origem estrangeira e um conselho de onze membros.

O antigo *monastirskii prikaz*, que até então beneficiava dum certo poder limitado sobre a administração da Igreja, foi completamente integrado no Santo Sinodo. Este substituiu o Patriarcado e por último assumiu a responsabilidade de todos os assuntos espirituais e eclesiásticos. Todos os bens da Igreja passaram a estar sob o controle do Sinodo. O Sinodo era,

de facto, um departamento do Estado, um Colégio subordinado ao Senado e administrado nas suas linhas gerais como os restantes (distinguindo-se por os seus membros serem todos clérigos). O mesmo espírito de obrigar a Igreja a servir o Estado levou Pedro a restringir as entradas nos mosteiros e a dividir a actividade dos monges e freiras pelas assistências aos doentes, aos órfãos e ao artesanato. A Igreja, enfraquecida pelos efeitos das reformas de Nikon, pouco reagiu a esta limitação.

Visto a administração provincial estar defeituosa, Pedro criou um sistema artificial de cinquenta províncias, abrangendo todo o império, adoptando fielmente os padrões suecos. A sua principal intenção não era apenas alcançar uma melhor organização, mas também separar a administração, nesta qualidade, da administração da justiça. Deste modo, as cinquenta províncias não coincidiam exactamente com os onze distritos judiciais. Pedro complicou de novo a situação retirando da alçada das autoridades provinciais a cobrança dos tributos aos chefes de família e a selecção do recrutamento. Este era igual ao regulamento militar na zona rural, atendendo à importância destes dois requisitos do Estado. Mas o sistema em geral deu origem a uma forte tensão entre os que dominavam e os dominados, e foi tão inútil como difícil, não durando muito tempo após a morte de Pedro. A tentativa para separar a justiça da administração continuou em moldes claramente opostos à tradição russa e ao espírito da indivisível autocracia tal como se desenvolvera desde os dias de Ivan III.

A aquisição dos novos territórios bálticos e a gradual expansão da Rússia na Ucrânia complicou os problemas administrativos. As classes dominantes alemãs, que possuíam terras na Estónia e na Livónia, não ficaram sem os seus privilégios especiais, confirmando-se a posição da Igreja Luterana. Na Ucrânia, por outro lado, uma contínua russificação de carácter político-económico entrou na ordem do dia. Em Kiev, um governador apoiado por dois regimentos russos detinha o poder; e na Ucrânia eram dadas concessões de terras aos nobres russos, em troca de serviços particularmente distintos.

No caso dos povos com uma cultura menos desenvolvida — os Bashkirs e os Tártaros dos Urais e do Volga, por exemplo —, a política de russificação podia ser aplicada com mais dureza. Nenhum russo ortodoxo tinha o direito de possuir servos ao seu serviço. Além disso, estes povos estavam sob a alçada das missões ortodoxas. Por esta razão, Tobolsk tornou-se a sede metropolitana desde 1700.

O mesmo espírito de esclarecimento, secularização, e utilidade prática caracterizou a política pedagógica geral e educacional de Pedro. Este obrigou a Rússia a estudar — ou antes, alguns russos a estudarem certos assuntos. A publicação de cerca de trinta decretos dedicados à educação, num sentido amplo, testemunha por si a preocupação de Pedro. Mas foi uma luta difícil que nem sempre alcançou grande êxito.

Quando Pedro subiu ao trono só existia a Academia de Moscovo e outras duas academias teológicas, respectivamente em Moscovo e em Kiev. Estas escolas eram insuficientes para as inúmeras experiências novas e de especialistas de que o novo Estado necessitava. Os estrangeiros forneciam um grande número de peritos, mas estes tinham carácter transitório. Apesar de tudo eles desempenhavam um papel bastante activo, conquanto tivessem pouca influência no aspecto político. Os Russos, habilitados no estrangeiro em navegação, náutica, artilharia, economia política, línguas, e engenharia, tinham naturalmente o seu papel a representar. Mas era no interior da própria Rússia que as classes dirigentes, devidamente habilitadas, deviam ser criadas. Pedro, interessado nas necessidades do Exército e da Marinha, estabeleceu em primeiro lugar escolas em Moscovo e em São Petersburgo destinadas aos futuros oficiais dos dois serviços. O seu programa limitava-se a matemáticas, navegação, artilharia e engenharia militar. Os alunos das escolas eram recrutados entre os filhos dos *dvoryantsov*. Mas mesmo assim este processo não deu grande resultado, visto o número de alunos ser muito reduzido. O plano de Pedro para a formação dum sistema educacional elementar próprio dum grande império teve ainda menos êxito. Em 1714 cada

provincia recebeu ordem para montar duas escolas «criptográficas» (matemáticas). O Almirantado suportava o seu custo e as autoridades forneciam os alunos. Houve um novo recrutamento e desta vez deu-se a preferência aos filhos das famílias não-nobres. Os resultados, porém, voltaram a não ser animadores, os alunos foram desistindo e as escolas desaparecendo. Em 1722 o número de escolas era de 42 com cerca de 4000 alunos. Três anos mais tarde totalizavam 28 e 500 respectivamente. Em 1744 todo o sistema se desmoronou reaparecendo depois como um conjunto de escolas militares destinadas às guarnições locais.

Em grande parte a falência do sistema escolar deve-se ao êxito que a Igreja obteve, a partir de 1721, com a organização duma rede escolar paroquial destinada à educação dos filhos dos clérigos. Este sistema chamou a si muitos dos alunos que doutro modo teriam de frequentar as escolas «criptográficas». Só existia uma escola do tipo não-religioso. O pastor Glück, um luterano de Marienburg, fundou-a em Moscovo e elaborou também o seu programa — línguas orientais europeias, literatura, ética, filosofia, equitação, etiqueta e costumes. Os professores eram todos estrangeiros, mas em dez anos estavam reduzidos a cinco e a instituição extinta. Ainda aparentemente mais grandioso, conquanto caracterizasse a vida intelectual russa até à revolução, foi a fundação da Academia de Ciências, por Pedro. Esta devia algo à inspiração de Leibniz, com quem Pedro falou duas vezes, e aos exemplos da Königlich Preussische Akademie de Berlim e à Royal Society de Londres. Ao principio, tanto os professores como os alunos eram de origem alemã. Mas este facto, mais tarde, não impediu o seu desenvolvimento como uma verdadeira instituição russa.

A actividade educacional de Pedro, no seu sentido mais lato, foi ilimitada. Ele remodelou o calendário, adoptando o Sistema Juliano em 1700, de modo que a Rússia nunca mais se guiou a partir da criação do mundo mas sim do nascimento de Cristo; simplificou o velho alfabeto cirílico, reduzindo o número de caracteres e aproximando-os do modelo latino; fundou o primeiro jornal russo e promoveu a tradução de obras estrangei-

ras — sobretudo aquelas de molde profano e tecnológico; inaugurou o primeiro teatro público da Rússia, fazendo representar peças na que havia de ser a Praça Vermelha de Moscovo; acabou com a segregação feminina; e instituiu *assemblies* onde a nobreza de ambos os sexos era forçada a aprender os rudimentos do *bon ton*, conversando, dançando e servindo-se mutuamente de bebidas refrescantes.

Mas apesar do que Pedro quis fazer da velha Moscovia com o objectivo de criar a moderna Rússia, nunca existiu realmente uma política de occidentalização. A política estrangeira foi quase sempre a tradicional. No que se refere ao Báltico, Pedro considerou-se manifestamente o sucessor de Ivan o Terrível, cujo retrato seguia ao lado do seu no cortejo triunfal que se realizou depois da batalha de Poltava. Internamente, a política de Pedro foi dum modo geral baseada na dos princípios do século XVII. O exército, as indústrias, a educação, o emprego de estrangeiros — foram características do reinado de Pedro de forma nenhuma inéditas. Por conseguinte, não houve uma real diferença entre a vida «orgânica» de Moscovia e a vida «inorgânica» da Rússia de Pedro, se bem que tais diferenças estejam implícitas nos muitos ataques feitos a São Petersburgo como o símbolo do novo regime — como, por exemplo, na alusão de Dostoievski à nova capital, «a mais abstracta e artificial cidade que existe»; ou, na descrição de Khomyakov, que fala de «a beleza morta» de São Petersburgo; «uma cidade onde tudo é pedra; não só as casas mas também as árvores e os habitantes»¹.

Mas se Pedro não rompeu com o passado, não há dúvida que inaugurou uma nova disciplina e efectuou mudanças variadas. É óbvio que estas não podiam ser igualadas com a dicotomia da Rússia e da Europa. Uma «Lei de Morgadio» *à l'anglaise*, um sistema colegial baseado no modelo sueco, uma Academia de Ciências derivada da de Berlim, estratégias militares e navais copiadas da Grã-Bretanha e da Holanda — não chegaram, apesar de tudo, para occidentalizar a Rússia. Estas impor-

¹ Sobre Khomyakov, ver p. 151.

tantes ideias e instituições tinham conexões muito diferentes na Rússia.

Os períodos de Ivan III e Ivan IV haviam sido uma tentativa russa para se pôr ao lado ou mesmo ultrapassar as técnicas mais avançadas dos países da Europa Ocidental. Ora, o reinado de Pedro atingiu este objectivo, sendo o ápogeu e a consequência lógica do que fora tentado pelos seus antecessores. Este facto está implícito nas observações de Pedro aos generais suecos feitos prisioneiros em Poltava: «Senhores,» disse ele, «é a vós que devemos tudo isto». A Rússia servia-se do Ocidente para o conquistar. De Ivan o Terrível até Pedro o Grande — e sucessores — o Ocidente apareceu primeiro e sobretudo como um sistema de autoridade, cuja adopção serviria como único meio para assegurar a sobrevivência da Rússia.

É neste aspecto que Pedro foi um occidentalista e que diligenciou modernizar a Rússia integrando-a no Ocidente.

A mais profunda característica da nossa fisionomia histórica é a ausência de qualquer espontaneidade no nosso desenvolvimento social [escreveu Tchaadayev]. Toda a feição importante na nossa história vem-nos imposta de cima, cada nova ideia foi importada. Pedro o Grande encontrou na Rússia apenas uma folha de papel em branco. Com a sua mão poderosa escreveu: «Europa e Ocidente». A partir daí nós ficámos europeus...

Mas quem é este «nós»? Quem pertencerá ou não à Europa e ao Ocidente? Nas primeiras fases das reformas de Pedro houve indubitavelmente uma certa incongruência em transformar os moscovitas em ocidentais. Os trajes vindos do Ocidente assentavam de maneira grotesca nos moscovitas. Em 1701, por exemplo, o embaixador britânico na Turquia chamou a atenção para o contraste entre o antigo e o moderno:

O embaixador moscovita e o seu séquito apareceram aqui com trajes tão diferentes dos usados antigamente que os turcos não souberam que pensar deles. Estavam vestidos à moda francesa, adornados abundantemente de colares de ouro e prata, com perucas, e sem barbas — o que causou grande admiração aos turcos. No domingo passado, na missa em Adrianople, o embaixador e comitiva conservaram o chapéu fora da cabeça durante toda a cerimónia, mas quando se elevaram para cumprir o rito tiraram também as cabe-

leiras. Isto foi muito notado e classificado como um acto invulgar de grande devoção.

Este paralelismo do velho e do novo deu gradualmente origem a uma influência mais profunda, embora em termos absolutos nunca o tivesse sido. Com todas as suas falhas o mundo cultural e intelectual de Moscóvia foi sempre homogéneo até que as reformas de Nikon lhe abriu uma brecha. Desde o czar até ao último *muzhik*, se bem que muitas das suas divergências de carácter sócio-político os colocasse em campos opostos, houve uma unidade básica no que respecta a valores, perspectivas e preconceitos.

Foi esta união que as reformas de Pedro destruíram. Na sua mais simples e óbvia forma dum *dvoryanstvo* perfeitamente escanhoado e burocratizado, vestido à moda ocidental, cumprindo a sua carreira em qualquer serviço do Estado e vivendo separado dos seus bens hereditários, contrastava visivelmente com a massa de camponeses barbudos. O barbudo era mais que um símbolo. Estava entre dois mundos espirituais. Em contrapartida, uma pequena minoria, educada segundo as ideias ocidentais mas muito longe delas, vivia uma vida muito diferente das massas ignaras. Duas culturas viviam assim lado a lado com um mínimo de afinidade ou conexão. As massas abismadas na pobreza e na ignorância uniam-se com um entaizado conservadorismo, só intervalado de quando em vez por algumas revoltas incipientes e espasmódicas, à sua religião tradicional, modo de vida, vestuário e princípios morais. A alienada camada superior falava uma língua inteiramente diferente, pensava em termos diferentes e comungava ideias também diferentes. Cite-se um livro recente: «Na fundação ideológica do carisma czarista tradicional e religioso, Pedro... ergueu uma superestrutura secular baseada no modelo do iluminado absolutismo ocidental»¹. Este acto foi um elemento funesto no legado de Pedro ao futuro da história russa. Ele necessitava de outra revolução muito mais fundamental — e bolchevista — para tapar a brecha.

¹ Emmanuel Sarkisyanz, *Russland und der Messianismus des Orients*, Tübingen, 1955, p. 154.